

O Século da Discórdia

Pensadores e Idéias Essenciais de 1900 a 2000
por Olavo de Carvalho

Fascículo I

A Arte de Navegar num Oceano de Doutrinas¹

1999

INTRODUÇÃO GERAL

§ 1. Ambições

"O world, thou choosest not the better part!"
George SANTAYANA

Nos fascículos que compõem esta obra, o leitor encontrará breves apresentações e discussões críticas das principais teorias filosóficas publicadas no mundo ocidental entre 1900 e o ano corrente, bem como das polêmicas científicas, religiosas, artísticas e políticas de maior relevância filosófica no mesmo período. Mas não se trata de uma simples coleção organizada cronologicamente: as exposições das várias doutrinas singulares serão intercaladas de estudos comparativos que, relacionando passo a passo as idéias umas com as outras, irão produzindo, por sínteses parciais cada vez mais amplas, uma visão unitária do curso do pensamento humano no século XX. É evidente que a unidade dessa visão não poderá ser a unidade de uma conclusão e sim apenas a de um conjunto ordenado de problemas, que, sintetizando um século de debates, nos colocam perante um definido estado das questões no dia de hoje. Este livro portanto busca responder à pergunta: Por onde nos conduziu ao longo de um século o debate filosófico ocidental, e em que situação ele nos deixa na virada do milênio?

A disciplina e gênero a que pertence este trabalho é a história da filosofia, mas não no sentido de narrativa puramente informativa e enciclopédica e sim no de uma história filosófica da filosofia. Isto não implica nenhuma pretensão hegeliana de extrair da dialética temporal das idéias alguma lei universal do desenvolvimento do espírito. A meta que o autor teve em vista foi apenas a de compreender e - por que não? - julgar o espírito do seu próprio tempo, para extrair desse exame algum motivo razoável de esperança ou temor quanto ao curso futuro do pensamento. Se quiserem um precedente ao menos parcial para a fórmula da presente obra, hão de encontrá-la na Crise da Filosofia Ocidental de Vladimir Soloviev², a qual, publicada no último quarto do século passado, termina quase no ponto em que esta começa.

Embora abrangendo um território mais amplo que o da filosofia acadêmica em sentido estrito, a presente obra não dilui o seu objeto ao ponto de abandonar o campo da disciplina que escolheu e converter-se em "história das idéias". Pois, em primeiro lugar, é inerente a esta última disciplina interessar-se pelas idéias não em si mesmas e conforme o seu valor intrínseco, mas sim

¹ A coleção, que previa outros fascículos sobre autores e idéias essenciais do século XX, não chegou a ser concluída, sendo esse o único fascículo encontrado nos arquivos do autor (N.E).

² V. Soloviev, Crise de la Philosophie Occidentale, trad. et introd. Maxime Herman, Paris, Aubier, 1947. A primeira edição russa é de 1874.

apenas segundo a influência que exerceram sobre o curso geral dos acontecimentos. Já a história da filosofia, para a qual as idéias possuem um interesse próprio, não tem como abster-se de examinar aquelas mais valiosas e excelsas a que porventura os homens e o tempo não tenham dado atenção, e cujos efeitos históricos continuem guardados no arsenal das possibilidades futuras. O critério de seleção das doutrinas aqui apresentadas é, portanto, o da sua importância propriamente filosófica, que ressaltará de sua pura intercomparação, independentemente de o mundo as haver porventura ignorado solenemente. Este critério possui ademais a vantagem de, neste balanço de fim de século, repor diante de nós, redivivas, algumas alternativas abandonadas nas quais porventura residisse o melhor - aquela parte que o mundo, segundo Santayana, jamais escolhe. O presente livro é, nesse sentido especial, precisamente o inverso de uma "história das idéias".

Em segundo lugar, o espírito desta obra distingue-se do da "história das idéias" por não selecionar seus objetos, quando provenientes de fora da filosofia acadêmica, senão em função do valor que têm objetivamente - e reconhecidamente ou não - para o investigador filosófico no exercício de sua tarefa específica, e não para "a cultura do nosso tempo", "o progresso da humanidade", "um futuro melhor" ou qualquer desses outros objetivos grandões que estão mais ao alcance dos vereadores, dos roqueiros e dos entrevistadores de TV.

Qual seja no meu entender a tarefa do filósofo, e quais os critérios de seleção que ela sugere ao estudioso do panorama das idéias, é algo que o leitor irá captando, aos poucos, da leitura mesma. E quando, nos fascículos finais, esse leitor tiver tomado plena consciência da natureza da referida tarefa e puder então decidir se ela há de constituir a devoção de sua vida própria ou apenas uma experiência enriquecedora capaz de fortalecê-lo na sua busca de outros caminhos, o autor poderá se gabar então de que sua obra cumpriu, além dos objetivos acima descritos, também este, de segundo plano mas não de segunda ordem: o de constituir, por via histórica, uma introdução à filosofia.

§ 2. Não se deixe intimidar

"A coragem da verdade, a fé no poder do espírito são a primeira condição da filosofia.
O homem, sendo espírito, tem o direito e o dever de se considerar digno das coisas mais altas."
G. W. F. HEGEL

Comparar as doutrinas dos sábios é um dos meios mais antigos e eficazes para formar opiniões razoáveis. Aristóteles fez disso um método, a dialética - a arte de chegar logo ao miolo de uma questão reunindo, hierarquizando e cotejando as respostas que os homens mais inteligentes e cultos lhe ofereceram. E uma das primeiras sutilezas desse método foi a descoberta de que os sábios não divergem somente nas soluções, mas também na maneira, no nível e no ângulo com que enfocam os problemas. Muitas vezes, parecem estar falando da mesma coisa e estão falando de outra, ou vice-versa. Portanto, antes de saber quem tem razão, é preciso organizar o debate distinguindo e agrupando as diversas perspectivas, de modo a captar a zona de interseção onde coincidem estar enfocando o mesmo objeto. Somente aí é possível descobrir quais são os princípios ou crenças de base que fundamentam as várias respostas e, fazendo a crítica comparativa desses princípios, encontrar, com sorte, algum ponto de apoio mais firme desde o qual se possa arriscar uma nova solução de conjunto, capaz de não apenas resolver o problema mas de justificar, retroativamente, as diferenças de enfoque e as várias soluções parciais

que foram aparecendo ao longo da discussão. Quando a operação é bem sucedida, até as soluções completamente erradas que porventura tenham sido sugeridas acabam se integrando e tendo sua utilidade no corpo total da investigação.

Um exemplo particularmente feliz de aplicação da técnica dialética encontra-se nas Confissões do teólogo e místico persa Abu-Hamid Al-Ghazzali, publicadas por volta do ano 1100 da nossa era. Vendo sua fé religiosa abalada pela diversidade de opiniões que circulavam a respeito de Deus, Al-Ghazzali teve a idéia de catalogá-las conforme as crenças ou referências de base a que seus autores se remetiam para fundamentar as soluções que propunham para o problema. Aí ele percebeu que os sábios que na sua época discutiam essa questão se dividiam em três grupos: primeiro, os teólogos dogmáticos, que, partindo da escritura revelada (o Corão), formulavam leis gerais e deduziam suas aplicações para casos particulares; segundo, os filósofos de linhagem grega, que confiavam na lógica e na análise racional da experiência comum; terceiro, os místicos sufis, que buscavam uma resposta na experiência extática e no conhecimento direto do mundo divino. Feita essa classificação, a multiplicidade confusa de enfoques e doutrinas via-se automaticamente reduzida a uma única questão, que era a da confiabilidade maior ou menor dos três meios de conhecimento: a escritura sagrada, a razão e a experiência mística.

"A verdade, disse eu a mim mesmo, tem de ser encontrada entre essas três classes de homens que se devotaram a buscá-la. Se ela lhes escapa, temos de abandonar toda esperança de encontrá-la. Tendo uma vez abandonado a crença cega, é impossível voltar a ela, pois a essência dessa crença é ser inconsciente de si mesma. Tão logo essa inconsciência cessa, a crença se estilhaça como um vidro cujos fragmentos já não podem ser reunidos exceto se forem jogados na fomalha e refundidos³."

Não interessa, aqui, saber a que conclusão chegou enfim Al-Ghazzali⁴. O que interessa é perceber, por esse exemplo, a utilidade da comparação redutiva, ou dialética, que, espremendo um caos de idéias e opiniões, obtém dele um plano de investigação simples e abarcável.

Não hesito em considerar essa arte o principal aprendizado técnico para o estudante de filosofia. À medida que o tempo passa e o legado das doutrinas escritas se acumula, tanto mais indispensável se torna para o estudioso saber agrupar em torno de um certo número de questões decisivas a barafunda de opiniões que abarrotam as livrarias, bibliotecas, revistas acadêmicas e sites da Internet.

A dificuldade para isso parece ter crescido ao ponto de tornar-se invencível. Olhamos com invejosa nostalgia os sábios antigos, um Aristóteles ou um Leibniz, que podiam, com um só olhar, compreender sinteticamente a cultura do seu tempo. Quem quer que nutra semelhante pretensão hoje em dia será visto com desconfiança e arriscará perder toda reputação não apenas de intelectual sério, mas de homem normal. De tal modo nos acostumamos a pensar que a ampliação quantitativa do acervo de conhecimentos deve limitar cada investigador a uma pequena zona de luz cercada de trevas por todos os lados, que terminamos por aceitar, sem qualquer sentimento de desonra, a opinião de que no essencial nossas opções no campo da cultura e dos valores têm o direito de ser puras preferências irracionais, sem outro fundamento senão o gosto arbitrário ou o desejo de abrigar-nos à sombra protetora de um grupo ou facção qualquer. Não falta quem forneça para essa atitude as mais elaboradas justificativas filosóficas, como se fizesse sentido justificar racionalmente a impossibilidade de justificar racionalmente o que quer que seja.

Que há nessa abdicação do conhecimento algo do orgulho invertido dos complexados, não resta dúvida. Se não há aí também um grotesco exagero que amplia fantasiosamente as

³ Munkidh min al-Dalal (Deliverance from Error), translation by W. Montgomery Watt in The Faith and Practice of Al-Ghazali, (London: 1951).

⁴ Ele defende, em geral, a superioridade da experiência mística.

dificuldades, veremos adiante. Por enquanto, perguntemos as causas que produzem esse estado de espírito desanimador.

Há, em primeiro lugar, o fato consumado da especialização. Não há talvez outro assunto em torno do qual tenha vicejado tão pujante floração de lugares-comuns. Em todo debate sobre a especialização confrontam-se, de novo e de novo, sempre as mesmas pomposas tolices, que começam por reconhecer a sua fatalidade, depois passam a lamentá-la como um dano irreparável e por fim encontram um alívio geral em palavras consoladoras de louvor à limitação do horizonte do especialista, apresentada como um honrado sacrifício da pretensão de conhecer no altar da modéstia metodológica, do rigor científico e do espírito de equipe.

Nessa argumentação, apresentada pela primeira vez por Max Weber, estão embutidas várias confusões, das quais não é a menos grave aquela que toma por especialização o que é mera fragmentação. A especialização, em si, não poderia jamais se opor à busca das grandes sínteses, pela simples razão de que quanto mais um investigador se especializa seriamente num campo limitado, mais nítidas se tornam para ele as fronteiras com os campos circunvizinhos (sem o quê ele simplesmente perderia de vista os contornos do seu objeto especializado). Aí o aprofundamento num domínio estreito corresponde, *pari passu*, à progressiva conquista de um sistema de nexos cada vez mais definidos entre o pequeno e o grande, o especial e o geral. Daí que as investigações mais rigorosamente especializadas, como por exemplo a da estrutura do átomo ou a da ordem do cálculo aritmético, sejam das que têm as mais portentosas conseqüências não só para o sistema inteiro das ciências mas também para a visão filosófica do mundo. Especialismo e generalismo, nesse caso, não são termos antinômicos, mas complementares e espelhados como o microcosmo e o macrocosmo da cosmovisão alquímica.

A especialização é apenas a divisão de um problema complexo em vários problemas mais simples, e a formulação mesma que se dá a cada um destes problemas mais simples subentende a inserção deles na ordem geral que os distingue e serializa. A coerência e a homogeneidade do conjunto não são prejudicadas pela maior definição das partes, mas, ao contrário, são por ela tanto mais ressaltadas.

Mas o que acontece de fato na prática das ciências e sobretudo na subdivisão administrativa do mundo acadêmico não é nada disso. As seções e subseções da investigação e do conhecimento não são aí definidas pela divisão racional dos grandes problemas em suas partes constitutivas, mas obedecem antes a uma infinidade de motivos casuais e inconexos, como por exemplo a disputa de verbas segundo o prestígio e a audácia de cada departamento, o predomínio de modas ideológicas, as idiossincrasias de diretores e chefetes, o interesse aleatório e monomaniaco que faz certos investigadores apegar-se a seus pequenos domínios com um espírito de hobby e curtição deleitosa, independente de sua pouca valia para o avanço geral do conhecimento. Nessas condições, a segmentação do conhecimento rompe a homogeneidade dos campos cognitivos e ontológicos, e toda esperança de síntese se perde, não por simples proliferação quantitativa das subdivisões cada vez menores, que em si não traria perigo nenhum, mas pelos cortes irracionais e aleatórios que acabam por dilacerar o mundo do conhecimento em fragmentos inconexos, entre os quais já não é possível a comparação ou a simples aproximação.

É precisamente esse o quadro que impera na filosofia acadêmica do século XX, segundo a descrição de Wolfgang Stegmüller:

"É possível assinalar duas características formais da situação filosófica atual que a distinguem de todas as situações anteriores. Primeira: o processo de diferenciação funcional da filosofia: originalmente a filosofia reunia em si funções muito diversas... na filosofia deste século, observamos uma crescente autonomização dessas funções heterogêneas..."

Paralelamente a essa diferenciação, existe um segundo aspecto característico, isto é, um processo de afastamento recíproco e de crescente falta de comunicação entre os filósofos das diversas correntes... A própria palavra 'filosofia' se tornou um termo ambíguo... Nesse processo podem-se distinguir quatro fases:

- 1. Na primeira fase trata-se de uma diversidade de opiniões científicas... Permanece nesta fase uma relação de discussão. Não morre a esperança de um acordo definitivo...*
- 2. A situação já se torna pior quando a base... ou os métodos.. forem totalmente divergentes. Então pode-se chegar a um ponto em que já não é mais possível nenhuma discussão... Os argumentos e contra-argumentos parecem cair no vazio... não conseguem encontrar um denominador comum para as suas concepções. Não obstante...ainda fica assegurada uma relação de comunicação. Os defensores das diversas opiniões podem... entender-se sobre o sentido de suas afirmações, embora não cheguem mais a nenhum entendimento mútuo sobre o sentido de suas fundamentações.*
- 3. Um agravamento ainda maior... ocorre quando já não existe mais entre dois filósofos uma relação de comunicação, porque um não consegue atribuir nenhum sentido àquilo que o outro afirma. Não obstante, pode ainda subsistir uma... relação intencional. Isto é, um não sabe o que o outro quer dizer, mas sabe, ao menos, que também ele procura o conhecimento e a verdade.*
- 4. O abismo entre dois filósofos chega ao máximo quando entre eles já não existe nem sequer uma relação intencional. São incompreensíveis para cada um deles não apenas as afirmações e fundamentações do outro, mas até o tipo de ocupação do outro torna-se para ele um enigma... Atinge-se o estado de ausência total de comunicação”⁵.*

Teria sentido denominar "especialização" a esse estado de coisas? Os blocos incomunicáveis aí mencionados não são de maneira alguma "espécies", na acepção lógica do termo, isto é, subdivisões logicamente fundamentadas, mas simples fragmentos, nacos arrancados a esmo de um organismo cuja unidade já não se pode depois recompor nem por justaposição, nem por subordinação, nem por coordenação, nem por qualquer outro procedimento imaginável, exceto alguma eventual regeneração divina do universo.

Espécie, por definição, é espécie de um gênero, definida pelas fronteiras que a separam de suas espécies irmãs e circunvizinhas e a situam num lugar muito preciso e determinado de uma hierarquia de posições e relações com o universo conceptual em torno. A proliferação indefinida de perspectivas inconexas e incomunicáveis não é, em nenhum sentido legítimo da palavra, especialização. É desordem pura e simples. E, na desordem, a fixação obsessiva do estudioso no seu objeto limitado nada tem do nobre sacrifício que Weber atribuía ao verdadeiro especialista, mas é apenas um reflexo de autodefesa ritual contra a complexidade do mundo em torno, uma regressão uterina e uma fuga às responsabilidades superiores do conhecimento.

Nesse sentido, a abdicação de toda pretensão a uma visão global e sintética da cultura, ou pelo menos de um amplo domínio dentro dela, nada possui de uma louvável atitude de modéstia metodológica, mas brota de uma mistura de covardia, preguiça, inépcia e pensamento nebuloso.

Um outro fator, de ordem prática, leva também ao desânimo o aspirante a uma visão abrangente: é a impossibilidade de conhecer todos os vocabulários, códigos de convenções e pressupostos conceptuais dos vários setores do conhecimento. Cada ciência, cada técnica, cada disciplina, possui hoje uma linguagem própria extremamente vasta e complicada. Dominar cada

⁵ Wolfgang Stegmüller, *A Filosofia Contemporânea. Introdução Crítica*, trad. Adaury Fiorotti et al., São Paulo, EPU/Edusp, 1977, vol. I, pp. 10-14.

uma delas não é simples questão de memória, mas mesmo que o fosse isto não tornaria menos desalentadora para o estudioso a perspectiva de passar anos a fio como um estrangeiro que só entende pela metade o que as pessoas estão dizendo.

As recriminações dos escritores, educadores e humanistas contra os dialetos especializados são um lugar-comum dos debates culturais, mas elas costumam dar a impressão de que essas linguagens nascem do puro pedantismo ou do desejo elitista de cerrar as portas ao neófito. Esta impressão é falsa. Em nenhum domínio do conhecimento um novo termo é admitido sem boas razões práticas para admiti-lo, e os especialistas de cada área são os primeiros que têm todo o interesse de abolir do seu vocabulário usual as palavras desnecessárias. E na esmagadora maioria dos casos esse vocabulário não se expande pela criação de neologismos e sim pela atribuição de novos sentidos especializados a termos da linguagem corrente. Uma palavra simples como "grupo" tem um sentido em matemáticas, outro em sociologia, outro em lingüística, etc. Uma profusão de neologismos cria para os recém-chegados apenas uma dificuldade de compreender; a especialização semântica de termos correntes dissemina o risco da falsa compreensão. O protesto contra a terminologia especializada baseia-se na crença de que o uso do vocabulário comum facilitaria as coisas, quando o que se passa é muitas vezes o contrário.

A proliferação de dialetos acadêmicos intraduzíveis deve-se, na verdade, a causas bem mais profundas e bem mais difíceis de desarraigar do que o pedantismo e o elitismo arbitrários: ela reflete a própria multiplicação caótica das perspectivas, das hipóteses e dos métodos científicos. Toda ciência é construída sobre um alicerce de axiomas e pressupostos teóricos, cuja aquisição coloca o estudioso na posição de poder compreender o desenrolar das investigações. Nas épocas em que a cultura se assenta num conjunto identificável de princípios comuns a todos os homens letrados, os pressupostos de cada ciência têm de prestar satisfação ante o tribunal das concepções gerais admitidas e, se isto pode ocasionar algum atraso no desenvolvimento de novas pesquisas, tem a vantagem indiscutível de impedir que cada ciência se isole num mundinho fechado e incomunicável, a salvo de toda crítica racional externa e sujeito, portanto, a criar uma realidade auto-suficiente como a de um delírio esquizofrênico. No mundo de hoje há entes que só existem para o físico, para o lingüista, para o sociólogo, mas que não correspondem a rigorosamente nada fora dos pressupostos e convenções nominiais que lhes dão um arremedo de existência dentro das fronteiras das respectivas redomas intelectuais onde vegetam. E quando um desses seres esquisitíssimos adquire direitos de cidadania fora do domínio especializado onde nasceu, é em geral apenas para tornar-se uma daquelas palavras-tampão como "energia", "desenvolvimento" e "equilíbrio ecológico" a que o orador balofo recorre quando lhe faltam os argumentos necessários para sustentar suas convicções.

Pode-se imaginar, e às vezes de fato se proclama, que a inexistência de princípios gerais admitidos é uma vantagem, que ela é uma garantia da liberdade acadêmica e do pluralismo cultural. Mas isto é uma grossa bobagem. Toda e qualquer comunidade humana sempre tem crenças e valores que sustentam suas escolhas e decisões na vida diária. A classe acadêmica de hoje as tem tanto quanto o clero medieval. Apenas, no ambiente de pluralismo oficial, elas não chegam a ser declaradas e subsistem como crenças implícitas e pressupostos tácitos, muito mais repressivos e limitadores do que qualquer corpo de doutrina expressa, que pode ser diretamente discutido e contestado. Não existe nas universidades atuais nenhuma doutrina oficial que obrigue o acadêmico a ser materialista, evolucionista ou anticristão, e por isto quem quer que professe opiniões cristãs, antimaterialistas ou anti-evolucionistas não será, como o professor medieval que enunciava doutrinas anti-aristotélicas, chamado a justificar suas opiniões ante uma severa congregação de letrados: será simplesmente encostado, boicotado ou demitido sem que lhe digam por quê e sem que lhe concedam a menor oportunidade de discutir o caso em bases racionais. Ele pode, é claro, tentar defender-se na imprensa ou na TV, mas a instituição universitária desprezará o caso como um debate extra-acadêmico indigno da atenção da comunidade científica. Os

dogmas implícitos e mudos são os mais tirânicos de todos, porque, sem proibir a discussão, se colocam fora e acima de toda possibilidade de ser discutidos. Na verdade, é esse o sentido da palavra preconceito: uma crença que, não chegando a formular-se em conceitos explícitos, fica fora do alcance da argumentação racional. A história da liberdade acadêmica é a história de como os homens só se desvencilharam das amarras do dogma para cair prisioneiros de uma rede de preconceitos.

Sem criar portanto a verdadeira liberdade de pensamento que é seu principal argumento legitimador, o pluralismo caótico resultante da proliferação de falsas especializações que não são senão fragmentações ainda cria, pela multiplicação das linguagens intraduzíveis, dificuldades sobre-humanas para quem quer que busque, de uma visão de conjunto da produção acadêmica, tirar conclusões gerais para a orientação de sua vida intelectual.

Mas se esses obstáculos são produzidos pela própria falta de fundamento geral das novas perspectivas especializadas que se multiplicam, não tem cabimento alegá-los como argumentos contra a tentativa de alcançar uma visão de conjunto capaz de estabelecer esse fundamento geral: seria como alegar a existência de doenças como um argumento contra a prática da medicina.

Por isto mesmo o filósofo e o estudante de filosofia não devem recuar covardemente ante as caretas ameaçadoras de especialistas que alegam, contra toda tentativa de crítica filosófica, a impenetrável autonomia de seus respectivos campos e a impossibilidade de discutir os seus pressupostos especializados fora de um campo determinado por esses mesmos pressupostos especializados. Pois uma investigação especializada que se proclame independente das exigências gerais da razão humana afirma, no mesmo ato, a sua completa irracionalidade, e perde todo direito ao estatuto de atividade intelectual respeitável.

Ante as pretensões abusivas de grêmios esotéricos, cada um de nós deve recordar o conselho de Sir Karl Popper:

"Não é porque as ciências se tornaram complexas que não é mais possível abrangê-las todas. Recuse a fragmentação dos conhecimentos, pense em tudo, não se deixe afogar pelo aumento das informações, recuse o desencanto do Ocidente e o pessimismo histórico, pois você tem a sorte de viver neste final do século XX! Não seja crédulo com nada, nem com as modas, nem com o terrorismo intelectual, nem com o dinheiro, nem com o poder. Aprenda a distinguir sempre e em qualquer lugar o verdadeiro do falso"⁶.

O esforço de abranger o conjunto do saber contemporâneo e tirar dele conclusões filosoficamente válidas é mais que um direito: é uma obrigação incontornável. Pois a multiplicação dos campos doutrinários incomunicáveis, alegada como um argumento contra esse esforço de síntese, é um reflexo de um estado de separação abissal no qual cada disciplina, perdendo de vista os nexos e as fronteiras que a ligam e a distinguem das disciplinas subordinantes e subordinadas, irmãs e circunvizinhas, acaba por perder fatalmente toda compreensão racional do seu próprio objeto especializado, o qual, já não podendo ser definido segundo a grade de semelhanças e diferenças que constitui o procedimento normal das definições, acaba por não poder ser definido senão de maneiras puramente empíricas ou, o que é pior ainda, convencionais. Isto significa que aos poucos as delimitações dos terrenos próprios a cada ciência, e portanto também a formulação de seus problemas e de seus métodos, vão sendo esfumadas até o ponto da universal nebulosidade, na qual o pesquisador não pode se orientar - nem mesmo no que diz respeito ao seu objeto específico - senão mediante apostas piedosas ou o recurso ao argumento de autoridade. Não é preciso dizer que os termos "saber" e "ciência" só

⁶ Depoimento a Guy Sorman em Os Verdadeiros Pensadores de Nosso Tempo, trad. Luiz Felipe Baêta Neves, Rio, Imago, 1989, p. 265.

conservam aí o valor de emblemas de prestígio e ícones para a devoção fingida, e nada mais têm a ver com a natureza da atividade que designam⁷.

Longe, portanto, de constituir um respeitável e abnegado sacrifício das idéias gerais em prol do rigor científico nos detalhes, o fragmentarismo acadêmico que veta o acesso do examinador crítico alegando que o domínio especializado não pode ser compreendido senão nos próprios termos do seu universo fechado é um perigo e um insulto. Um perigo para as ciências, que vão aos poucos perdendo seu caráter científico sem se dar conta, um insulto à razão, que não pode admitir a imunidade de nenhum território a toda crítica externa.

O estudioso de filosofia que salta ousadamente sobre os muros do especialismo esotérico e cobra dos encarregados desse território a submissão às exigências gerais da razão não exerce apenas, como pretendia Sir Karl Popper, um direito inalienável do animal racional, mas cumpre uma tarefa altamente meritória de fiscalização, sem a qual o universo do saber se dissolveria numa bruma de superstições e sociedades secretas.

E note-se que, ao fazer essas advertências, não as estou, no caso dos presentes fascículos, referindo a nenhum empenho de abarcar toda a cultura superior contemporânea, mas apenas os pontos mais altos e significativos daquelas áreas mais diretamente ligadas ao saber filosófico em sentido estrito. Estas áreas compreendem:

1. A filosofia academicamente admitida como tal.
2. As questões de "ciências humanas" e de "ciências exatas" que apresentem implicações filosóficas mais evidentes.
3. As discussões religiosas e políticas nas quais se faça apelo a argumentos filosóficos.

Pois mesmo dentro desse universo relativamente restrito já imperam hoje em dias as reivindicações de autonomia e impenetrabilidade que legitimam, na opinião de seus porta-vozes, o olhar de fingido desprezo - puro medo, na verdade - com que procuram afastar o olhar intruso do examinador externo. A própria filosofia acadêmica, como assinalou Stegmüller, pretende hoje ser um domínio excessivamente vasto, que o investigador de fora só pode visitar com timidez e compunção, como um turista no templo de um culto exótico e incompreensível, aceitando as explicações do guia com a polidez servil de quem não pretende mesmo entender nada.

No curso das exposições que se seguirão, o leitor verá que nenhuma questão que seja objeto de atenção acadêmica escapa dos laços que a vinculam ao sentido geral das discussões do nosso tempo, que nenhuma é tão maravilhosamente insular e *sui generis* que não se possa abarcá-la desde uma perspectiva mais geral; pois, se o fosse, não seria coisa de ciência ou filosofia, e sim de mistério e feitiço.

⁷ V. Edmund Husserl, § 2 da "Introdução" às Investigações Lógicas.